

Arquidiocese de Niterói
Paroquia Nossa Senhora da Assunção
Cristologia – Pe. Marcelo Chelles – 9ª Aula

O SÉCULO QUINTO – O CONCÍLIO DE ÉFESO (431)

O Nestorianismo

1.1 Nestório e sua doutrina

Nestório nasceu por volta de 381 na Síria. Fez-se monge e presbítero, e em 427 foi nomeado Bispo de Constantinopla. Porém, começou a condenar uma devoção popular muito difundida entre os monges e os fiéis em geral: a devoção a **Maria como Mãe de Deus (Theotókos)**. Pregava que Maria era Mãe de Cristo (**Christotókos**), e proibia que se afirmasse ser ela Mãe do Homem Jesus Cristo (**anthropotókos**) para evitar o perigo do adopcianismo, já condenado no século III.

Ele dizia que o *logos* habitava na humanidade de Jesus, como um homem se acha num templo. Haveria duas pessoas em Jesus – uma divina e outra humana. Assim, Nestório, tentava mostrar o homem Jesus Cristo, em toda sua concretude com que o apresentam os evangelhos, sem que com isso se negue o fato de que Jesus Cristo seja Deus. O problema aqui é a unidade e a identidade em Jesus Cristo. Por sua parte, Nestório propõe uma unidade de caráter moral e acidental, pela qual o homem Cristo hospedaria o Verbo como num templo.

Baseado neste princípio e para ser coerente com ele, Nestório conclui que Maria não poderia ser chamada Mãe de Deus – *Theotókos* –, mas tão somente Mãe de Cristo – *Christotókos*. O fato de Nestório relutar contra a proclamação de Maria como *Theotókos*, é porque no seu entender, ela seria apenas mãe da natureza humana de Cristo, porém, ele rejeita resolutamente um mero *anthropotókos* – a que deu à luz um ser humano –, pois Maria não deu à luz o Filho de Deus preexistente, nem a um mero ser humano e sim, Jesus Cristo, que é o encontro de ambos.

A atitude de Nestório ofendeu profundamente os monges e os fiéis de Constantinopla, que recorreram ao Patriarca de Alexandria, Cirilo. Este apoiou a devoção antiga e seus adeptos, e intimou Nestório a que se retratasse, mas em vão. Eis um dos textos de Nestório:

“Com freqüência é suscitada entre nós uma dificuldade: ‘Deve-se falar da Mãe de Deus (Theotókos), isto é, de uma mulher que tenha gerado Deus? ou antes se deve falar de uma mulher que deu à luz um homem (anthropotókos)? Mas será que Deus tem mãe? Uma criatura não pode dar à luz o Criador’” (Sermões 9).

Como se vê, os vocábulos **Theotókos** e **Christotókos**, por mais semelhantes que pareçam entre si, encobriam duas posições cristológicas diferentes.

1.2 0 Concílio de Éfeso (431)

Diante do impasse, tanto Cirilo como Nestório recorreram ao Bispo de Roma. O Papa Celestino I apoiou Cirilo e delegou-lhe poderes para excomungar Nestório e depô-lo de sua sede, caso não mudasse de opinião. Nestório, porém, recorreu ao Imperador, que quis convocar um Concílio para dirimir a questão. O Papa aceitou a idéia e enviou, como delegados seus, os Bispos Arcádio e Projeto, além do presbítero Filipe; levavam cartas de Celestino I que indicavam a doutrina a ser adotada (e que era a do próprio Cirilo). O Concílio se reuniu em Éfeso no ano de 431; depôs Nestório, condenando a sua doutrina, o que equivalia a reafirmar Maria como Theotókos, isto é, Mãe de Deus. Os Padres conciliares não se exprimiram mediante definições dogmáticas propriamente ditas, mas aprovaram uma carta de S. Cirilo de Alexandria, tida como profissão da reta fé. Segue-se um dos seus principais segmentos:

“Afirmamos, além disto, que, embora as duas naturezas sejam diferentes uma da outra, elas se uniram em verdadeira união, de tal modo que de ambas resulta um só Cristo e Filho. Isto não quer dizer que desapareceu a diferença das naturezas por causa da união, mas, sim, que a Divindade e a humanidade, por um misterioso concurso em prol da unidade, constituem um só Senhor e Cristo...”

*“Não se diga que num primeiro momento nasceu da Santa Virgem um homem, no qual, num segundo momento, desceu o Verbo. Mas, sim, afirmamos que desde o seio materno o Verbo se uniu à carne humana, de tal maneira que tornou sua a geração carnal. E assim os Santos Padres não hesitaram em chamar **Theotókos** (Mãe de Deus) a Santa Virgem. Isto não significa que a natureza do Verbo ou a sua Divindade tenha tido origem no seio da Santa Virgem, mas, sim, que foi gerado por ela o corpo santo, animado e racional, ao qual se uniu segundo a pessoa, o Verbo; em consequência, este foi gerado segundo a carne” (DS 250-251).*

*“Confessamos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus, é Deus perfeito e homem perfeito, (composto) de alma racional e corpo, gerado pelo Pai antes dos séculos segundo a Divindade, e nos últimos dias por nós e pela nossa salvação nascido da Virgem Maria segundo a natureza humana. Ele é consubstancial com o Pai por sua Divindade, e é consubstancial conosco por sua humanidade. Já que havia a união das duas naturezas, confessamos um só Senhor e um só Cristo e um só Filho. Visto que compreendemos esta união realizada sem confusão de uma parte com a outra, confessamos que a Santa Virgem é **Theotókos** (Mãe de Deus), pois o Verbo de Deus se encarnou e se fez homem, e, desde o momento de sua concepção, uniu a Si o corpo que dela assumiu”.*

Este texto é interessante. Professa a reta fé, servindo-se de um vocabulário apto. Assim, por exemplo, professa a **união**, sem confusão, de **duas naturezas**. A réplica a Apolinário é perceptível também quando o texto menciona “Deus perfeito e homem perfeito, (composto) de alma racional e corpo”. A fórmula fala de duplo nascimento: um a partir do Pai, o outro a partir de Maria Virgem, mas, apesar de tudo, reconhece um só Filho, um só Cristo, um só Senhor. Há também aí alusão ao Concílio de Nicéia I, pois se encontra alusão à consubstancialidade com o Pai e à consubstancialidade conosco.

Ainda é de notar que a fé cristológica ortodoxa tomou um cunho mariano em Éfeso; a expressão **Theotókos** não é apenas louvor a Maria, mas serviu para significar a autêntica noção de Encarnação do Verbo. S. Cirilo chegava mesmo a afirmar que, para confessar de maneira reta e fiel a fé católica, é preciso “proclamar a **Theotókos** e reconhecer a santa Virgem”. O reconhecimento da Maternidade Divina de Maria implicaria uma sùmula de toda a fé cristã, como, aliás, se pode comprovar num estudo mais detido de Mariologia.